



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA  
RITA



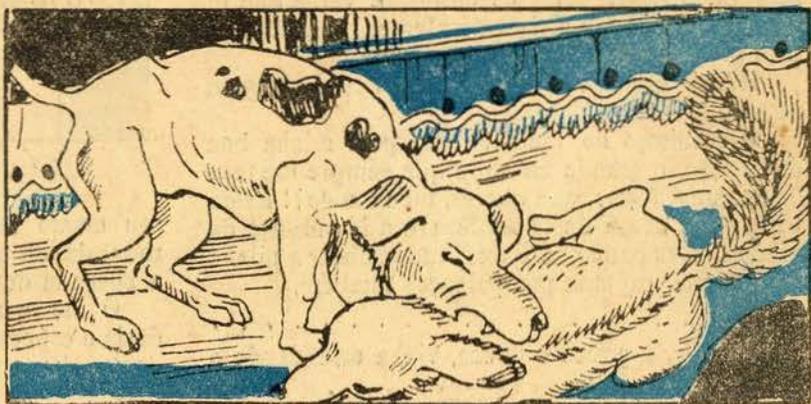
ADAPTAÇÃO DUM CONTO FRANCES

Por LUCILA e JOSÉ MARIA  
Desenhos de A. CASTANE

**H**A já muitos, muitos anos, vivia no país de Wales um príncipe bom e corajoso. Tinha a paixão da caça e quando corria pelos prados e florestas, acompanhava-o sempre o seu cão inseparável Gelert. O príncipe gostava muito de Gelert e era com orgulho que dizia aos seus amigos: — «Gelert é o melhor cão do mundo. Quando vou à caça das raposas é sempre o mais destemido».

Certa manhã, ainda a alvorada rompia, aprontou-se o príncipe para a caça e mandou tocar as trompas para chamar os cães. Todos vieram menos Gelert. — Que será feito do meu amigo? pensava o príncipe, e, preocupado, partiu mas, como um mau presentimento não o abandonasse, resolveu voltar para casa.

Mal chegou á porta do castelo,



viu Gelert correr para ele, cheio de contentamento, a saltar, a pular, doido de alegria.

Ao olhar para o cão o príncipe estremeceu; corria muito sangue da bôca do pobre animal.

Que significaria aquilo?!

O coração deu-lhe um baque; correu ao quarto do filho e encontrou as roupas da cama cheias de sangue, rasgadas, espatifadas.

A estalar de dôr, o príncipe julgou que o cão tinha morto o seu pequeno e, num repente, trespassou com a espada o que fôra o seu melhor amigo.

Mas, nêsse momento, sentiu chorar; debaixo dum monte de roupa, deparou seu filho ileso, são e salvo. O pequeno havia acordado com o último uivo de Gelert.

Debaixo da cama, reparou, en-

tão, o príncipe no corpo duma grande raposa estrangulada, a deitar sangue.

Compreendeu tudo. O pobre Gelert, que ele havia morto, num momento de turvação, salvara o seu menino, lutando e vencendo a raposa.

O príncipe, entretanto, chorava e dizia: — «Matei o meu mais fiel amigo, o mais dedicado dos meus servos; mil anos que eu viva não deixarei de o chorar; nunca acalmará em mim a pena de o haver morto!»

Ordenou que abrissem no meio do bosque uma cova; nela mandou enterrar o corpo de Gelert e sobre a cova pôr uma lousa contando o acto heroico do seu cão.



■ ■ F I M ■ ■

# A PEQUENA BAILARINA

Por ACILEGRA

Desenhos de A. CASTAÑE

**N**UMA terra longínqua, existia um reino cujo soberano era o modelo dos reis.

El-rei, — como todos aquêle que procuram tornar a vida menos pesada, gostava de se divertir.

Um dia, no jardim do seu palácio, havia grande animação. Vários grupos de pessoas conversavam alegremente. E' que aguardavam a chegada duns palhaços que dariam espectáculo no palácio.

Longe das conversas, um cavaleiro sentára-se, havia pouco, num banco do jardim.

Tinha no rosto uma expressão profundamente triste. Pouco depois, a este, foi juntar-se um outro cavaleiro que, ao ver a sua atitude, lhe perguntou:

— «Heitor, que tens? Estás triste?!... Hoje, tudo está alegre, contrastando nitidamente com o teu aspecto; ri, diverte-te, embora a tua alegria seja vã. Vamos, ilude os outros, e verás que tu próprio te julgarás rialmente alegre, como tu próprio te iludirás também!»

Heitor erguera o olhar para o seu amigo e respondeu-lhe:

«Reconheço no teu interesse pela minha boa disposição, a grande amizade que sempre me tens dispensado. Mas... que queres, meu amigo?! Estou triste; e a causa desta tristeza é a lembrança da vinda desses palhaços. Fazem-me lembrar a minha pobre irmã, raptada por palhaços também.

.....  
A noite, a pouco e pouco, vinha estendendo o



seu manto negro sobre o palácio... Depois, o rodar de um pesado carro, anunciou aos palacianos a chegada dos saltimbancos.

O rei e a corte entraram no salão onde se daria o espectáculo, enquanto os artistas se vestiam dentro do carro. Heitor e o companheiro, haviam ficado.

— «Heitor, vem assistir à representação» — pediu o amigo.

— «Eu, Daniel?!» — (respondeu-lhe Heitor) Não; não vou.»

«Faz-me pena ver esses pobres mortais tentando fazer rir o público. Ai, quantas tristezas, às vezes, lhes vão na alma? Quanta amargura, quanta lágrima, quanto sofrimento, abafado e transformado em gargalhadas, que os entontece e punge duplamente?»

Foram interrompidos pelo ruído de passos. Era um homem baixo, gordo, com uma cabeça enorme. Estava vestido de palhaço. Puxava, pela mão, uma garotinha dos seus dez anos, vestida de bailarina.

— «Deixa-me, Biló;» — (suplicava esta) — bem sei ir sozinho! Não vês que me magoas o pulso?! Deixa-me, senão...

— «Senão o quê?» — (preguntou irado o palhaço).

— «Senão...» — (continuou a garota) — não trabalharei!»

«Isso veremos!» — Foi a resposta do palhaço.



# DEUS SABO

TRADUÇÃO DO FRANCÊS  
POR MILAU

**D**UAS crianças deparam  
Um pedinte que dormia...  
Dava-lhe em sonhos o Céu  
O que a Terra não daria!

Lembra logo o rapazinho  
Deixarem-lhe alguma esmola.  
Responde a sua irmãzinha  
Que vinha, também, da escola:

— «Não; ele está a dormir  
e, assim, ninguém saberá!...  
Volve, contente, o petiz:  
— «Lá no Céu Deus nos verá!»



E, com a sua força brutal, arrastou a criança para dentro do salão.

— «Queres ver a confirmação do que te digo, Daniel? — (preguntou Heitor) «Vamos, anda ver a representação.» Entraram.

A criança dansava para o rei e para a corte. Nos seus olhos havia vestígios de lágrimas; tinha os lábios trémulos mas, a-pesar-disso, sorriam sempre. O olhar de Bilô, dominava-a. A garotinha, por fim, já cansada, caiu sem sentidos. Heitor, correu para ela e, encarando-a bem de frente, soltou um grito de alegria, exclamando:



— «Marina, minha querida irmãzinha! Por aqui?!...»

Depois, chorando e rindo, apertou-a longamente num abraço e as suas lágrimas ardentes banhavam o rosto da pobre criança que voltava a si e reconheceu o irmão.

Bilô, ficára perplexo perante o desfecho do espectáculo. Havia-se mesmo deixado prender sem resistência logo que o rei fôra pôsto ao facto do acontecido. E' que, dentro daquela alma perversa, a consciência do seu crime, aniquilava-o.

Era o remorso, o mais atrás dos castigos, que começava a torturá-lo.

Nêste mundo, leitorzinhos, raramente a pessoa que pratica criminosas acções, se livra do castigo.

E o maior castigo, bem como a melhor redenção, só pôde existir no remorso. Feliz do miserável que, depois de perpetrado um crime, possa experimentar o remorso. Esse, está em vias de reabilitação.

■ ■ F I M ■ ■

## CORRESPONDENCIA

**Incognita X:** — Os teus problemas são excessivamente difíceis para crianças. Manda outros mais acessíveis e serão publicados.

**Zé Faz-Tudo:** — Ih tanta coisa! Pecas por excesso de produção. Quem tudo quere, tudo perde.

**Zézito Mendes Pereira:** — Sim, senhor! Es um rapazinho talentoso. Na respectiva secção infantil verás, a seu tempo, o teu desejo realizado.

Vosso amiguinho

Tio Paulo

# Aventuras de dois condiscípulos

Por J. F. S. ■ Desenhos de A. Castañé

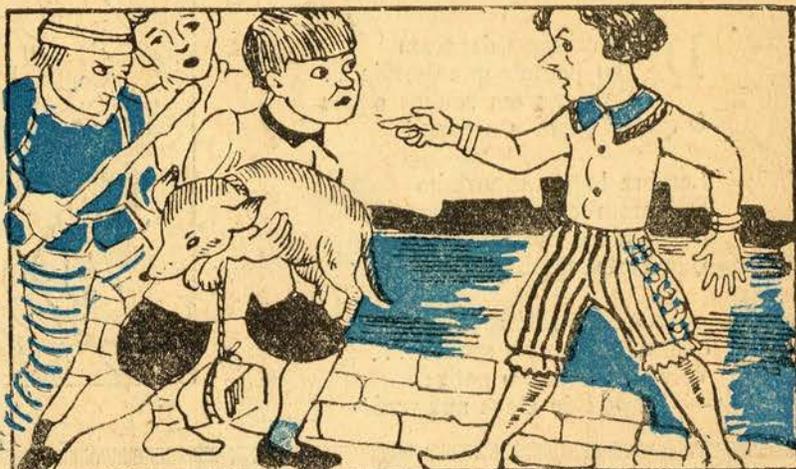
**T**ENHO a honra de lhes apresentar o menino João Baptista Poquelin, francês, de onze anos de idade, um verdadeiro demónio, capaz de fazer rir o mundo inteiro com as suas imitações de pessoas ridículas, e os seus ditos cheios de humorismo e de graça feliz.

Filho de um conhecido negociante de tapetes e criado de quarto do rei Luiz XIII, passava os dias lendo as melhores farsas teatrais do tempo, procurando depois representá-las, êle mesmo, no seu pequeno quarto.

Seu avô animava-o nessa tendência, prestando-se a emprestar-lhe livros, apropriados, mas o pai tinha opinião contrária.

Pretendia que o pequeno se ocupasse, apenas, com a aprendizagem das profissões que êle tivera sempre, e, conquanto o estimasse, via com maus olhos a paixão do filho pela arte cômica. Esse critério mais se lhe fixara no espírito depois de João haver um dia metido extraordinariamente a ridículo um seu antigo cliente — o sr. Fleuron.

Era êste um médico do bairro, que tinha a mania de julgar doentes todas as pessoas, servindo-se



dêsse estrategema para pagar, com remédios e receitas, as mercadorias compradas.

Convenceu o pai de João de que o menino estava mal de saúde (o que não era verdade), e assim apanhou dois belos tapetes. A criança foi encerrada dois dias no quarto e obrigada a ingerir medicamentos.

João aproveitou essas horas de isolamento para se entregar às suas leituras predilectas, e, por último para representar, com a ajuda dum menino e duma menina, seus vizinhos, uma farsa por êle composta, imitando o médico

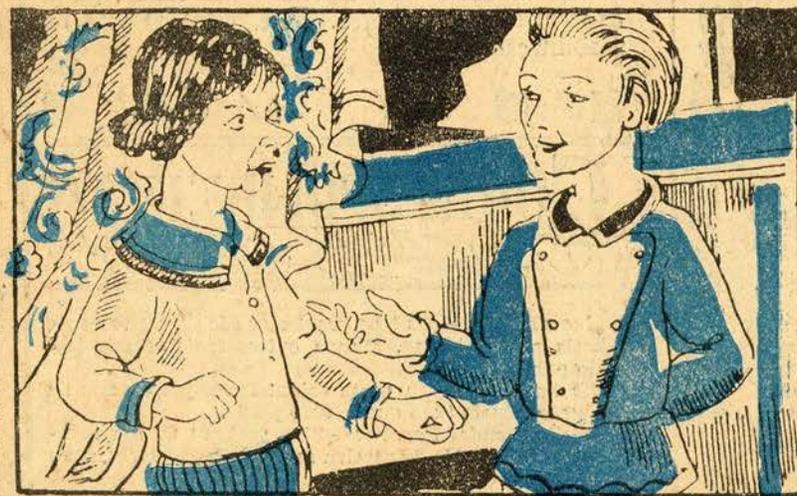
exótico. Quiz o acaso que êste entrasse no quarto precisamente quando o endiabrado garôto exhibia a parte mais grave da comédia, e tão bem imitava o sr. Fleuron no vestuário, nas atitudes e na voz, que êste compreendeu logo ser êle quem João interpretava como protagonista, e saiu colérico.

João não era mau nem desrespeitoso. Era simplesmente engraçado, e tanto assim que jamais se entretivera com pessoas graves. Guardava êsses motejos para os ridículos e vaidosos, e mesmo para êstes não passava dos limites da graça. De resto, o seu desejo era dar expansão a uma tendência do seu pequenino espírito, como adiante se verá.

— Avôzinho — suplicou João — pede ao papá que me mande para o colégio de Paris onde completarei os meus estudos. E' o meu maior desejo. Prometo aproveitar do ensino...

O avô obteve o assentimento do filho, e João Poquelin entrou na escola.

A' hora do recreio deparou com um condiscípulo que se distinguia dos outros pela particularidade de possuir um grande na-



# A LILITA E O SEU GATO

O gatinho da Lilita, é um gato muito manso, passa a vida num ripanço, constantemente dormita.

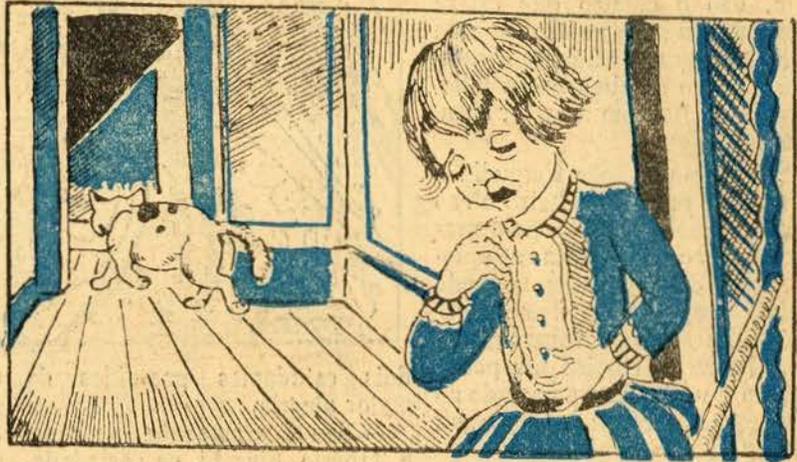
Num recanto do sofá, dorme entre seda e veludo; é dócil, é bom; contudo a Lilita é muito má.

Mal o vê a dormitar, recolhido em seu ronrom, mesmo assim, dócil e bom, gosta de o mortificar.

Um dia à cauda do bicho, com linha de bordadora, prendeu o pau da vassoura com que se varria o lixo.

E, batendo no «Miáu», fê-lo fugir assustado, levando, dependurado, na cauda a arrastar o pau.

Já farto da brincadeira, vendo que ela repetia, quando a linha se partia, sua grande maroteira,



o gato, tão seu amigo, entendeu que era excessivo o abuso e, por tal motivo, resolveu dar-lhe o castigo.

Arranha-a nas mãos, num braço, e até numa bochechita, deixando a pobre Lilita a fazer estardalhaço.

A mãe, que então aparece, ao vêr que o gato a arranhára nas mãozinhas e na cara, logo toda se enfurece.

Pega no pau, com o fim, de lhe dar muita pancada; mas nisto, a Lilita brada: — «Ó mãe, bate antes em mim!»

E, a chorar, de novo diz: — «Mãe, a culpada fui eu! Ele só se defendeu das maldades que eu lhe fiz!»

Muita menina, no mundo, coma esta Lilita, há; que, sendo travessa e má, tem, todavia, bom fundo.

riz. E pôs-se a olhá-lo fixamente com certa insistência.

— Que me achas de extraordinário para me olhar assim? — perguntou Cyrano (tal era o nome do condiscípulo). E sem lhe dar tempo a responder continuou, agora já bastante agastado:

— Pertence-te qualquer coisa que esteja na minha cara?

— Nada—meu amigo—replicou Poquelin—. Admiro simplesmente o teu belo nariz.

— E pensas... —ripostou o outro já em posição de entrar em vias de facto.

— Penso que possuirás uma verdadeira riqueza se um dia te dedicares à arte de representar.

— Sério? —respondeu Cyrano, mudando de tom e bastante interessado.

— Sério. Eu sou apaixonado por essa arte.

— E eu também!

Para provar o que afirmavam, ambos se puzeram a recitar de memória trechos de farsas e dramas em verso e prosa, imitando gestos de actores célebres. Assim, de inimigos em que se iam tornando, Poquelin e Cyrano tornaram-se inseparáveis, quasi irmãos.

— Como hoje é dia de irmos a passeio, dar-te-ei uma agradável surpresa — disse Cyrano ao seu condiscípulo favorito.

E que bela surpresa!

Cyrano, que conhecia já o grande actor Arlequim, apresentou-o ao amigo que não cabia em si de contente e de maravilhado, ao ouvir as palavras dêsse seu



ídolo. Impressionou-o bastante o facto de encontrar nêsse personagem, não o cómico que estava habituado a vêr no teatro, mas o homem grave, atraente e estudioso, que o recebeu numa biblioteca onde lia com a maior atenção.

Estava ainda João Poquelin a manifestar ao companheiro o seu maior reconhecimento pelo prazer proporcionado com a apresentação de Arlequim, quando ambos depararam dois rapazes mal trajados, preparando-se para lançar à ribeira um pobre cão, ao qual haviam amarrado ao pescoço uma corda presa a uma grande pedra.

— Que fazem vocês, malvados? — exclamou indignado Poquelin, correndo para junto dos rapazes, interpondo-se entre eles e o animal. O mais velho olhando de soslaio para o interlocutor, replicou:

— Que te importa o caso? O cão é teu?

Cyrano que se aproximara, respondeu:

— Isso não é razão para não protegemos êsse pobre animal contra a crueldade que vocês querem praticar,

Como resposta, o rapaz brandiu um grande cacete de que estava munido, pretendendo atingir Cyrano. Mas êste, belo esgrimista, evitou a pancada, e com um gesto rápido e bem calculado, apanhou o pau. Com êle desenvolveu uma série de golpes, de tal maneira ardilosos, que os rapazes fugiram, abandonando o pobre cão, que, desembaraçado da corda, não cessava de encher de carícias os seus salvadores.

— Obrigado, meus amigos — disse um cavalheiro de aspecto agradável, dirigindo-se, repentinamente, aos dois pequenos, e abraçando-os. São dois valentes e têm bom coração porque se compadeceram dum animal perseguido.

— E' vosso o cão? — perguntou Poquelin.

— Sim, meu amigo; não calculais a falta que êle me faria. Além de me ser muito dedicado, é um dos melhores auxiliares no teatro.

— Pois quê, sois actor? — exclamaram, ao mesmo tempo, os



dois estudantes possuídos da maior alegria.

— Sou Scaramouche, na cena, e Tibério Fiurelli, na sociedade.

— O grande actor italiano! — gritou Cyrano numa alegria doida. E voltando-se para o condiscipulo:

— Grande felicidade, Poquelin! Em vez de uma, duas surpresas: no mesmo dia ficamos conhecendo dois dos mais famosos mestres do teatro: Arlequim e Scaramouche!...

— Venham comigo — pediu o actor aos seus novos amigos.

Seguiram até à barraca onde êle instalara o teatro e onde lhes ofereceu um curiosissimo intermédio cómico desempenhado em conjunto por Scaramouche, um divertido papagaio e o cão, que foi impagável de graça, parecendo compreender tratar-se de divertir os seus salvadores.

Estes encontros com actores célebres e as indicações nêles colhidas, desenvolveram extraordinariamente as tendências dos pequenos para o teatro. Ao mesmo tempo faziam notáveis progressos nos estudos, sendo dos alunos mais applicados e laureados. Em festas da escola e

mais tarde em salas e teatros, organizaram, juntos, farsas e intermédios cómicos, onde transparecia a sua habilidade e graça.

Concluído o curso, Poquelin entrou para criado de quarto de Luiz XIII (lugar que nêsse tempo era dado a título de distinção), para substituir seu pai.

Bem cêdo, porém, abandonou o cargo para se dedicar ao teatro, sua grande ambição de sempre.

Sob o nome de Molière escreveu e representou um grande número de comédias, verdadeiras obras-primas que o consagraram como um dos maiores clássicos franceses, glória da sua Pátria.

Quanto a Cyrano, conhecido na história pelo seu nome completo de Cyrano de Bergerac, dedicou-se à esgrima em que era exímio, tornando-se um dos mais temidos espadachins da época. Chamavam-lhe «o intrépido» pela sua notável coragem e altruismo em defender os amigos e as causas justas. Mais tarde abandonou as armas dedicando-se a escrever obras históricas e científicas de raro merecimento.

■ F I M ■

## A N E D O T A S

### Numa escola

O professor. — Diga-me lá, meu menino, quem foi Cristóvão Colombo?

O aluno. — Foi um pássaro...

O professor. — Porque diz isso, meu menino?

O aluno. — Porque já vi um tre-

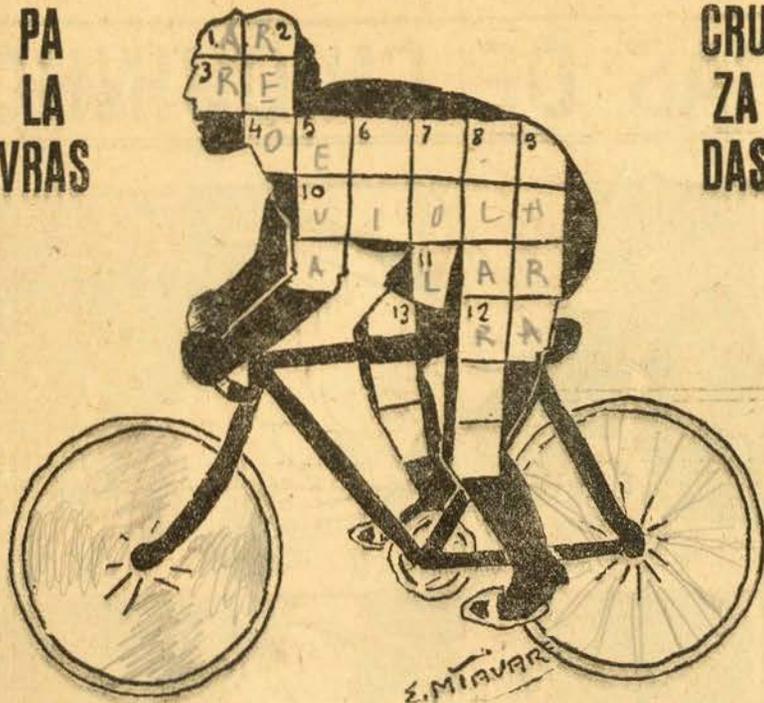
cho de leitura que se intitulava «Cristóvão Colombo e o seu óvo»...

### No escritório

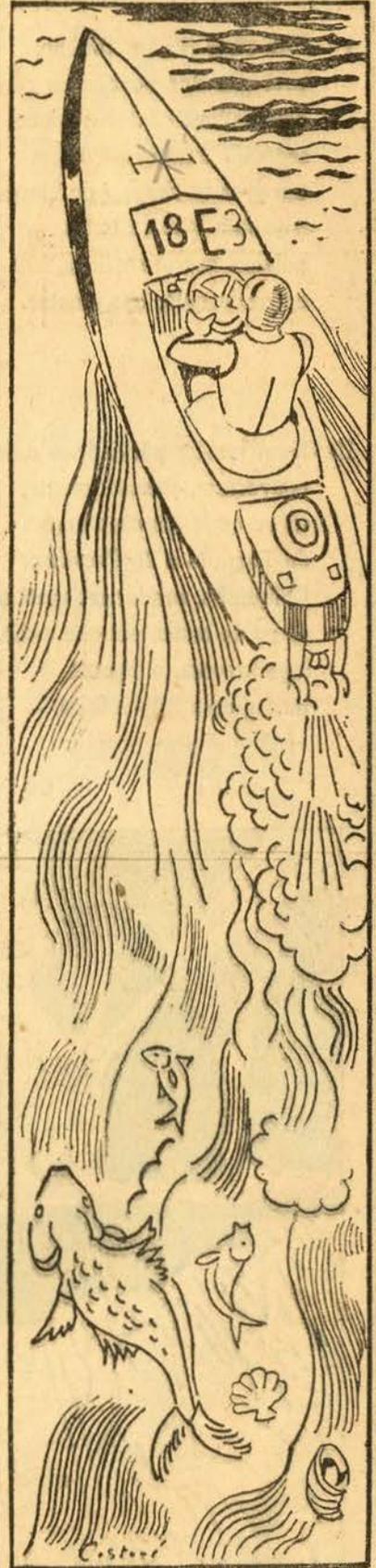
— Mas êle disse, claramente, que não pagava a conta? »

— Não; lá dizer não disse. Mas atirou-me pela escada abaixo.»

PA  
LA  
VRAS



CRU  
ZA  
DAS PARA COLORIR



**HORIZONTAIS** — 1, atmosfera; 3, sinal de musica; 4, terra portuguesa (vila); 10, instrumento de musica; 11, a nossa casa; 12, letras da palavra rato ou animal.

**VERTICAIS** — 1, atmosfera; 2, marca de automovel; 5, nome de mulher; 7, que serve para assentar; 8, barulho; 9, deserto de Africa; 13, jornal infantil.

**QUAL A COISA, QUAL É ELA?**

I

III

Qual a cousa, qual é ela,  
que diz ser dura e ser mole  
e que, enfeitando uma tela,  
brilha, às vezes, como o sol?...

II

Sou fôlha; estou nas folhinhas  
baptisada cristãmente,  
e pertencendo ao Passado  
nos muros estou presente.

Qual a coisa, qual será  
que, dizendo ser um burro,  
serve para dar um murro  
e que em nós todos está?...

**SOLUÇÃO DAS ANTERIORES:**

I-Galo II-Cinco reis III-Bandeira

**CHARADAS E ADIVINHAS**

1.ª Qual a terra portuguesa que, tirando-se-lhe a inicial, se transforma num animal roedôr? - 2.

4.ª Qual é o molusco que, se lhe trocarmos uma letra, fica uma peça de vestuário? - 2

2.ª Qual é o animal doméstico que, se lhe trocarmos a inicial, fica uma peça de vestuário? - 2

5.ª Qual é a ave doméstica que, se lhe trocarmos a inicial, fica um insecto perigoso? - 2

3.ª Qual o objecto de mesa que é formado por uma nota musical e por um advérbio de lugar? - 2

6.ª Qual é a ave doméstica que se lhe trocarmos a inicial, fica uma parte do porco? - 2

Solução das anteriores:

I, Sádía — II, Rosalinda — III, Chícara — IV, Carinho.

# V - DIABRURAS DE CHIQUINHO

I — Em certo dia de Outono, com grandes nuvens no céu, dois velhos, cheios de sono, seguiam com seu chapéu, um grande chapéu de chuva, belo fato e ricas botas, polaina nos pés e luva, em cada mão; uns janotas.



II — Num jardim público, os dois conversam, pausadamente, sobre os feitos e os heróis do Passado e do Presente; Chiquinho, vendo a mangueira ao pé do banco em que estão, logo inventa, o figurão, uma grossa brincadeira.



III — Abrindo a boca da rega e pondo a pique a agulheta, faz um repuxo que chega junto de cada «jarreta». Estes supondo chover, abrem as malvas molhadas e, desatando a correr, deixam Chico às gargalhadas.



IV — Mas como toda a maldade, merece o castigo justo, em meio da hilaridade, lá por detrás dum arbusto, surge o guarda do jardim, que, pondo o Chiquinho a jeito, aplica no malandrim três açoites de respeito.

■ FIM ■